

CARLOS ASP  
CARLOS PASQUETTI  
CLÓVIS DARIANO  
JESUS ESCOBAR  
MARA ÁLVARES  
ROMANITA DISCONZI  
TELMO LANES  
VERA CHAVES BARCELLOS

GALERIA SUPERFÍCIE

# NERVO ÓPTICO CONCEITUALISMO E EXPERIMENTAÇÃO NOS ANOS 70



CARLOS ASP  
CARLOS PASQUETTI  
CLÓVIS DARIANO  
JESUS ESCOBAR  
MARA ÁLVARES  
ROMANITA DISCONZI  
TELMO LANES  
VERA CHAVES BARCELLOS

# NERVO ÓPTICO CONCEITUALISMO E EXPERIMENTAÇÃO NOS ANOS 70

04.8 —  
03.11  
2018

SETEMBRO 2018

## ANA ALBANI DE CARVALHO<sup>1</sup>

### NOTAS

**1**  
Historiadora da arte e professora no Instituto de Artes UFRGS.

**2**  
Em dezembro de 1976, acontece a exposição Atividades Continuadas no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, com o lançamento do Manifesto assinada por Carlos Pasquetti, Carlos Asp, Clóvis Dariano, Jesus Escobar, Mara Alvares, Romanita Disconzi, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos. Em janeiro de 1977, o mesmo grupo, sem a presença de Jesus Escobar é convidado a inaugurar o Centro Cultural em Alegrete, RS, ocasião em que realizam uma atividade urbana com participação do público. Em novembro deste ano o grupo composto por Carlos Pasquetti, Carlos Asp, Clóvis Dariano, Mara Alvares, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos – o mesmo que produz o cartazete Nervo Óptico – apresenta sua produção na Galeria Eucatexpo e, por fim, em 1978 ocorre a última

mostra coletiva, sem a participação de Carlos Pasquetti, na galeria da Pinacoteca do Instituto de Artes da UFRGS. Em 1994 no contexto dos estudos sobre a história do grupo, realiza-se a mostra antológica Nervo Óptico – Poéticas Visuais, na Pinacoteca do Instituto de Artes da UFRGS, com obras de Carlos Pasquetti, Carlos Asp, Clóvis Dariano, Mara Alvares, Telmo Lanes, Vera Chaves Barcellos e curadoria/pesquisa de Ana Albani. Em comemoração aos 40 do Nervo Óptico, em 2016 e 2017 foram realizadas duas exposições retrospectivas, no Centro Cultural São Paulo e na Sala dos Pomares, em Viamão/RS, promovidas pela Fundação Vera Chaves Barcellos.

GALERIA SUPERFÍCIE

TEXTO DE APRESENTAÇÃO

O uso experimental da fotografia e o interesse pelo potencial artístico e poético da imagem – técnica, analógica, reproduzível, fixa ou em movimento – desempenharam um papel relevante no estabelecimento de uma concepção contemporânea de arte no sul do Brasil, especialmente em Porto Alegre, durante os anos 1960 e 1970. Para alguns jovens artistas do período, em sua maioria estudantes ou egressos do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a máquina fotográfica seria empunhada para atingir o coração de um circuito fortemente marcado pela tradição gráfica e pelo desejo de filiação ao cânone modernista, no qual um mercado (ainda) emergente parecia contribuir para acomodar o gosto conservador do público.

Os ecos libertários de 68 ainda reverberavam, enquanto o rock sacudia os corpos animados pelo espírito da contracultura. A realidade da violência imposta pelo regime militar, porém, cobrava seu preço e a liberdade crítica ou ativista da arte deveria manifestar-se por signos e linguagens cifradas. Neste cenário, a ironia configurou-se como uma ferramenta potente empregada pelos artistas para o exercício da crítica e da desconstrução de verdades estabelecidas, sendo ao mesmo tempo capaz de driblar o aparato da censura vigente. Pelas margens e pelas fendas do sistema, os signos de uma cultura urbana cada vez mais complexa manifestavam-se em proposições artísticas alinhadas ao debate internacional e conectadas em redes de artistas ramificadas por contatos em diferentes países latino-americanos e do leste europeu.

Em meados dos anos 70, decididos a movimentar o circuito de arte, alguns artistas inquietos investiram em encontros para debater a produção, as condições de exibição, as instituições e o mercado. Conexões nervosas. Experimentações no estúdio fotográfico. Arte ambiental. Exposições coletivas. Caminhos cruzados. Estrada. Filme Super-8. Prêmio no Salão de Artes Visuais. Outras conversas. Desenho também, por que não? Mapa astral. Outro cigarro. Em fins de 1976, Carlos Pasquetti, Clovis Dariano, Carlos Asp, Jesus Escobar, Mara Alvarez, Romanita Disconzi, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos propõem o evento “Atividades Continuadas” ao Museu de Arte do Rio Grande do Sul, concebida como uma mostra de objetos, imagens, livros de artistas, textos e fotografias. Um Manifesto é redigido e apresentado de modo performático através de uma leitura coletiva. O texto – que também foi divulgado através da imprensa – argumentava em defesa de uma concepção de arte promotora do pensamento crítico, voltada à experimentação, aos processos e ao engajamento participante do espectador. Para os signatários do Manifesto, a produção artística não poderia ser reduzida ao estatuto de mercadoria. Mais do que uma crítica ao mercado (de arte) que recém ensaiava seus primeiros passos no sistema artístico brasileiro, os artistas sinalizavam uma atitude cuidadosa em relação ao protagonismo do poder econômico em um meio no qual as instituições culturais eram ainda bastante frágeis estruturalmente.

Em abril de 77, o grupo agora constituído por Carlos Pasquetti, Carlos Asp, Clóvis Dariano, Mara Alvares, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos lança uma publicação em forma de cartazete colecionável, denominada Nervo Óptico. Concebido, produzido e financiado pelos próprios artistas, o Nervo Óptico era impresso em off-set, P&B, com tiragem em torno de mil exemplares, 32x22cm, destinado à distribuição gratuita e apresentado como uma “publicação aberta a divulgação de novas poéticas visuais”, tendo sido realizado em treze edições entre abril de 1977 e setembro de 1978. A linguagem principal era a fotografia e a exploração tipográfica. A proposta consistia em que cada número/edição do cartazete apresentasse um trabalho especialmente concebido para este veículo, realizado por um artista integrante do grupo idealizador ou convidado. Na época, um artigo do crítico Frederico Moraes para o jornal O Globo, ao fazer menção ao “grupo” Nervo Óptico termina por consolidar a denominação coletiva conferida aos movimentos e ações dos artistas assim reunidos, mesmo que cada um mantivesse uma poética e uma produção específica.

O campo das artes visuais/plásticas, especialmente em sua configuração moderna, é marcado pela ideia de trabalho e de autoria individual. A formação de grupos ou a ação em forma de coletivo geralmente é assumida enquanto estratégia temporária, destinada a afirmar ou difundir determinados objetivos estético-políticos. O propósito de investir em uma arte de vanguarda – convém lembrar que este era o termo empregado nos anos 70 para designar posicionamentos artísticos voltados ao experimentalismo e ao debate conceitual – a partir de Porto Alegre envolvia pensar e agir em uma perspectiva ampliada de trocas e intercâmbios. A produção coletiva do cartazete Nervo Óptico – ainda que cada edição divulgasse o trabalho específico de um artista – buscava atingir o duplo objetivo de aliar expressão à comunicação “além fronteiras” regionais e mesmo nacionais.

Carlos Pasquetti, Carlos Asp, Clóvis Dariano, Telmo Lanes, Mara Alvares e Vera Chaves também realizaram quatro exposições coletivas entre 1976 e 1978<sup>2</sup>, além de compartilharem um espaço como laboratório de proposições artísticas. A experimentação fotográfica pode ser apontada como a tônica do grupo, mas a produção dos artistas vinculados ao Nervo Óptico extrapola este recorte, abrangendo livros de artista, instalações, objeto, filmes em Super-8 e investindo em interferências e miscigenações entre linguagens, suportes e meios. Muito bem recebida no período, especialmente entre o público especializado, parte significativa dos trabalhos produzidos no contexto do grupo Nervo Óptico permaneceu nos acervos pessoais ou em poucas instituições de Porto Alegre. A presente exposição, realizada na Galeria Superfície, representa uma singular e valiosa proposição de contato com essa produção dos anos 70 que mantém até hoje sua potência artística e sua capacidade de afetar o público alta frequência e de forma radical.

1



Nervo Óptico

Sem Título  
Déc. 70  
Fotografia  
30 x 40 cm

3



Nervo Óptico

Sem Título (Grupo do  
Sarampo)  
1977  
Fotografia  
30 x 24 cm

2



Nervo Óptico

Sem Título  
Déc. 70  
Fotografia  
30 x 40 cm

4



Nervo Óptico

Sociedade Anônima  
1978  
Fotografia  
35 x 50 cm

Carlos Pasquetti,  
Clóvis Dariano,  
Fernanda Cony e Mara  
Álvares

Triacantho  
1975/2018  
Crayon e carvão vegetal  
sobre impressão em  
papel algodão  
Políptico de 6  
148 x 79 cm cada



Vera Chaves Barcellos

Gestos  
1977  
Fotografia sobre  
gelatina de prata  
70 x 50 cm

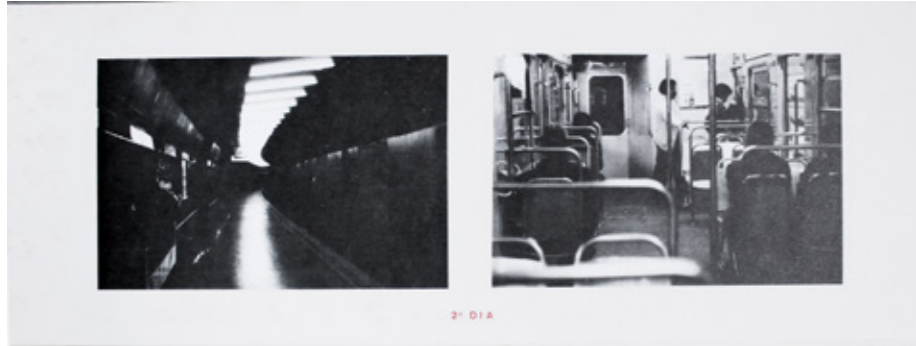


Carlos Pasquetti e  
Clóvis Dariano

Procissão  
Déc. 70  
Fotografia  
12,5 x 18,7 cm



8



Vera Chaves Barcellos

Da Capo  
 1979  
 Impressão offset sobre  
 papel  
 Livro contendo 7  
 páginas  
 34 x 12,5 cm

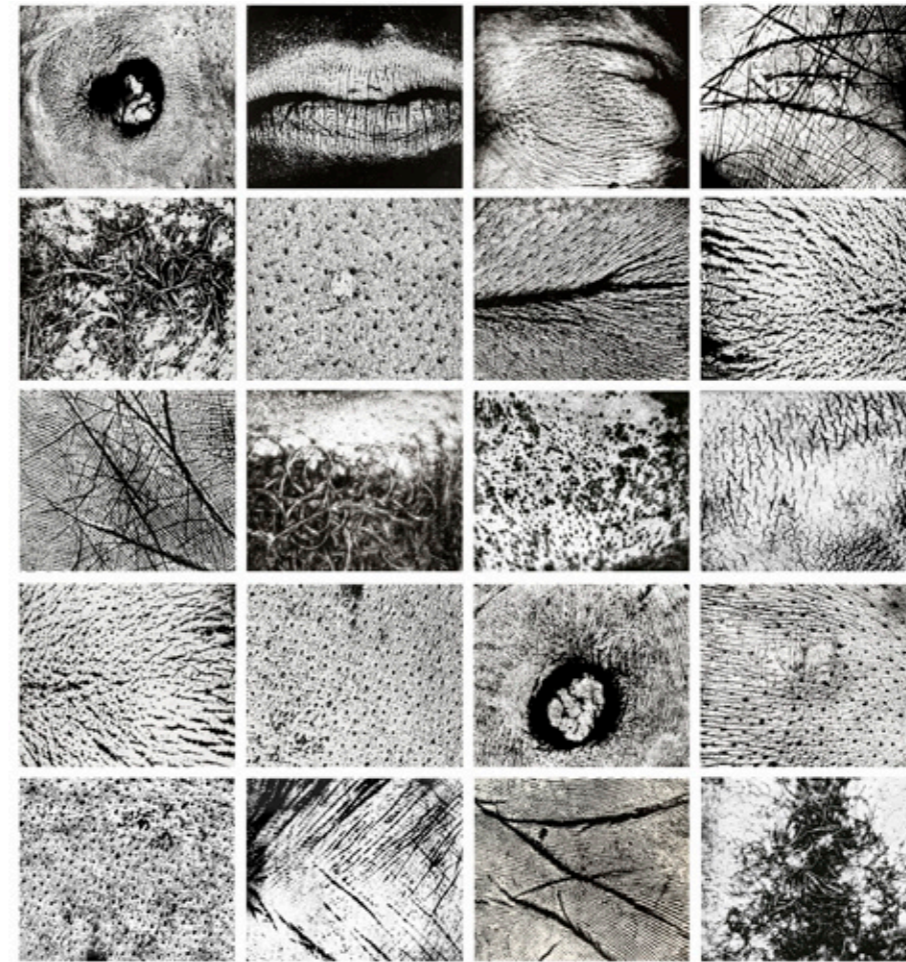
9



Vera Chaves Barcellos

Testart I  
 1974  
 Impressão offset sobre  
 papel  
 Envelope contendo 7  
 páginas soltas  
 24 x 16 cm cada  
 Ed. 500

10



Vera Chaves Barcellos

Epidemic Scapes  
 1977/2018  
 Pigmento mineral sobre  
 papel  
 Políptico de 20  
 25 x 30 cm cada

11



Vera Chaves Barcellos

One Way, Two Ways  
 1975  
 Fotografia sobre  
 gelatina de prata  
 21 x 70 cm

12



Vera Chaves Barcellos,  
Flavio Pons e Claudio  
Goulart

On Ice  
1978  
Fotografia  
105 x 105 cm cada

15



Vera Chaves Barcellos

Maras  
1977/2009  
Fotografia  
63 x 47,5 cm

13



14



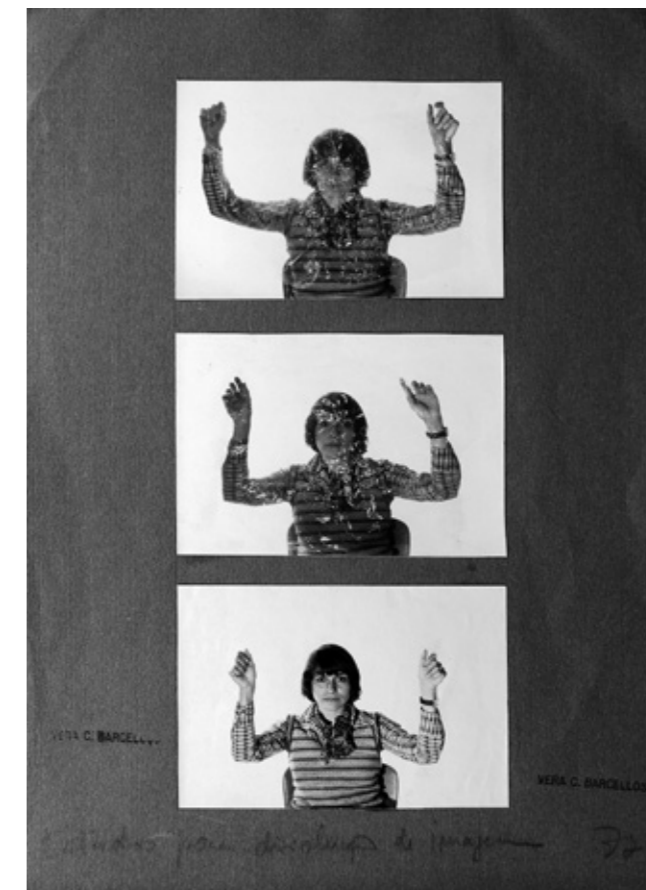
Vera Chaves Barcellos

Keep Smiling  
1977  
Fotografia sobre  
gelatina de prata  
33,5 x 33,5 cm

Vera Chaves Barcellos

Keep Smiling 2  
1977  
Fotografia sobre  
gelatina de prata  
33,5 x 33,5 cm

16



Vera Chaves Barcellos

Estudo para Dissolução  
da Imagem  
1977  
Fotografia sobre  
gelatina de prata  
35,5 x 25,5 cm

17



18



Clóvis Dariano

A Parte pelo Todo  
1978  
Crayon Conté sobre  
fotografia  
60 x 50 cm

Clóvis Dariano

A Parte pelo Todo  
1978  
Crayon Conté sobre  
fotografia  
60 x 50 cm

19



20



Clóvis Dariano

A Parte pelo Todo  
1978  
Crayon Conté sobre  
fotografia  
60 x 50 cm

Clóvis Dariano

A Parte pelo Todo  
1978  
Crayon Conté sobre  
fotografia  
60 x 50 cm

21



22



Clóvis Dariano

A Parte pelo Todo  
1978  
Crayon Conté sobre  
fotografia  
60 x 50 cm

Clóvis Dariano

A Parte pelo Todo  
1978  
Crayon Conté sobre  
fotografia  
60 x 50 cm

23



Clóvis Dariano

Castigos Corporais  
1979  
Fotografia  
42 x 45 cm

24



25



Clóvis Dariano

Castigos Corporais  
1979  
Fotografia  
40 x 30 cm

Clóvis Dariano

Castigos Corporais  
1979  
Fotografia  
40 x 30 cm

26



27



Clóvis Dariano

Sem Título, da série  
"Quando o Objeto  
Cria Personagens  
Alegóricos"  
Déc. 70/2016  
Fotografia  
67,5 x 42,5 x 3 cm

Clóvis Dariano

Sem Título, da série  
"Quando o Objeto  
Cria Personagens  
Alegóricos"  
Déc. 70/2016  
Fotografia  
62,7 x 42,5 x 3 cm

Clóvis Dariano

Sugestão de  
Movimentos para  
Ocupar Espaço  
1976  
Fotografia  
Livro contendo 8  
páginas  
28,5 x 33 cm

28



Clóvis Dariano

Sugestão de  
Movimentos para  
Corpos  
1976  
Nanquim sobre  
fotografia  
Livro contendo 8  
páginas  
28,5 x 33 cm

29



Clóvis Dariano

Sugestão de Espaço  
para Liberdade de  
Movimentos  
1976  
Fotografia  
Livro contendo 5  
páginas  
28,5 x 33 cm

30



31



Clóvis Dariano e  
Telmo Lanes

Um Dia Eu Volto  
1978  
Fotografia  
32 x 21 cm

32



Clóvis Dariano

Paisagem Sobre  
Paisagem - Cena de  
Mar  
1977  
Fotomontagem  
54,5 x 78 cm



Mara Álvares

Jogo de Esconder  
em 6 Toques, da série  
"Adansônia"  
1976  
Fotografia  
45 x 43 cm



Mara Álvares

Adansônia II  
1977  
Fotografia  
46 x 43 cm



35



Mara Álvares

Adansônia III  
1977-1978  
Fotografia  
65 x 53 cm

36



37



Mara Álvares

Pictografias  
1978  
Fotografia  
26,5 x 19 cm

Mara Álvares

Pictografias  
1978  
Fotografia  
26 x 18,5 cm

Carlos Pasquetti

Sem Título 6  
1978  
Filme Super 8  
3'28"



Carlos Pasquetti

Espaços para  
Esconderijo  
1973/2018  
Fotografia  
Díptico  
29 x 24 cm cada



40



Telmo Lanes

Nó no Estômago, da  
série "Modado"  
1976  
Tecido, madeira e  
plástico  
69 x 96 cm

41



Telmo Lanes

Senhor Simetria, da  
série "Modado"  
1976  
Tecido, madeira e  
plástico  
81 x 161 cm

Telmo Lanes

Indicção  
1976  
Fotografia sobre  
Eucatex  
70 x 70 cm



Telmo Lanes

Golpe de Vista no Pão-  
de-Açúcar  
1977  
Gouche sobre impresso  
39 x 27 cm



Telmo Lanes

Íntimo Exterior  
1978  
Fotografia  
34 x 23 cm



Telmo Lanes

Aventura Inerte 2  
1975-1977  
Giz pastel sobre  
fotografia  
30 x 40 cm



46



Telmo Lanes

Transmissão Mexida  
1975  
Fotografia  
Triptico  
12 x 9 cm  
16 x 13 cm  
12 x 9 cm

48



Carlos Asp

Sem Título  
Déc. 70/2016  
Acrílica sobre papel  
corrugado  
237,5 x 236,5 cm

47



Telmo Lanes


Transmissão Mexida  
1975  
Fotografia  
Livro contendo 15  
páginas  
25 x 24 x 5 cm

49



Carlos Asp

Breves Memórias  
1976  
Caixa de papelão  
recortada com colagem  
e desenho  
11,5 x 11,5 x 5,1 cm



Galeria Superfície  
Rua Oscar Freire, 240  
01426-000  
São Paulo  
SP

**REALIZAÇÃO**  
Galeria Superfície

**DIREÇÃO**  
Gustavo Nóbrega

**CURADORIA**  
Gustavo Nóbrega

**TEXTO/PESQUISA**  
Ana Albani de Carvalho

**PRODUÇÃO**  
Luiz Pataro  
Maria Júlia Braz

**IMAGENS**  
Galeria Superfície  
Fundação Vera  
Chaves Barcellos

**PROJETO GRÁFICO**  
Margem

Publicação em  
ocasião da exposição  
*Nervo Óptico –  
Conceitualismo e  
experimentação nos anos  
70* de 4 Setembro a 3  
Novembro de 2018

© Galeria Superfície.  
Todos os direitos  
reservados.